

Ambiente

Desde o seu descobrimento, a ocupação da Amazônia tornou-se sinônimo de violência contra seus habitantes originais e o meio ambiente. A malária parece ser a única arma da natureza a resistir aos chamados "civilizados". É o que mostra esta matéria, baseada no livro "Sonhos da Amazônia", do jornalista norte-americano Roger D. Stone, vice-presidente da World Wildlife Found. As aspas são atribuídas a ele.

Amazônia: uma história de sangue e devastação.

CRISTINA R. DURÁN



A partir das estradas a destruição avança

Cristóvão Colombo, ao atravessar os mares em busca do Caribe, abriu caminhos para os europeus descobrirem a Amazônia e iniciarem sucessivas investidas contra sua floresta e nativos, em busca de riquezas. Nem a malária — única defesa que até hoje luta bravemente contra os invasores — evitou que a partir daí se escrevesse uma história repleta de sangue, mortes e devastação. Uma história que continua até hoje.

Esta floresta — com "grandes árvores de elegantes e macios troncos elevando-se aos céus e explodindo em repentinas cores de galhos carregados de folhas verde-escuro e flores, enfeitadas com entroncamento de plantas trepadeiras e diversas orquídeas" — surgiu há pelo menos 150 milhões de anos. Sabe-se hoje que sua conservação é fundamental para a saúde do planeta, mas para os nativos era sua fonte de alimentos. Era sua tranquila casa, dividida com os primatas e enormes pássaros.

Foi no início do século XVI que, atrás de Colombo, chegaram os aventureiros europeus (espanhóis e portugueses), sucedidos pelas invasões holandesa e francesa. Tanto uns como outros pouco se importavam em compreender o meio ambiente onde se encontravam os povos autóctones — que passavam a dominar com o poder das armas. Para os nativos tais invasões resultaram em destruição e doença, dizimização e escravidão. Para a floresta, o início de uma sucessiva onda de maltratos.

Entre 1700 e 1800 — quando a região tinha sido temporariamente esquecida — restou às novas gerações de visitantes europeus encarar a Amazônia não do ponto de vista de sobrevivência nem com esperança de obter lucro imediato, mas sim voltando os olhos para a coleta de seus ricos, embora delicados, recursos biológicos.

Charles-Marie La Condamine (o primeiro a fazer o mapeamento da região), ao lado de Dom Pedro Maldonado — um explorador naturalista espanhol, à época governador da província peruana de Quito —, seguidos de outros pesquisadores como o prussiano Alexander Von Humboldt, Alfred Russel e Bates Richard Spruce observaram as plantas medicinais, a propriedade de cura de alguns venenos encontrados na floresta, e até tentaram uma vacina contra varíola à base de látex. E os europeus voltaram a ter sua cobiça e curiosidade despertadas.

Cahout-Chou

As "estranhas bolas que pulavam" dadas a Colombo pelos "índios do Caribe" eram de uma substância chamada por eles de **cahoutchou** (árvore que chora) — o látex. E foram uma das curiosidades do velho continente em relação a este estranho mundo novo. Ao final do século XVIII teve início o ciclo da borracha na Amazônia: os produtos de borracha confeccionados pelos índios começaram a fazer sucesso e as exportações dessa matéria-prima se multiplicaram. Cresceram durante todo o século XIX e tiveram seu ápice quando John Dunlop inventou o pneumático de borracha. Entretanto, começaram a declinar e perderam uma importância para as plantações artificiais da Ásia, durante a I Guerra Mundial.

Embora a extração da borracha não tenha causado grandes impactos ambientais, poucos anos antes da guerra (1908), a 300 quilômetros de Belém, mil quilômetros de floresta foram devastados para a construção de uma estrada de ferro — obra de colonizadores Espanhóis, Portugueses e Franceses e, espontaneamente, de nordestinos fugindo da seca, que limpavam a floresta e plantavam arroz, milho e mandioca. Quando as colheitas começaram a diminuir e terminou o ciclo da borracha, a ferrovia parou de funcionar e a área, conhecida como Zona Bragantina, foi abandonada. Sobrou uma "paisagem fantasma", hoje repleta de tratores para o plantio de mamões.

Fordlândia

Insistindo na borracha na década de 20 o norte-americano Henry Ford concluiu que o lugar ideal para uma plantação de seringueiras era mesmo a Amazônia. E implantou a Fordlândia — uma faixa de terra do tamanho do Connecticut às margens do rio Tapajós, a cerca de 300km de Santarém. Entretanto, em 32, durante a Depressão Americana, a plantação começou a declinar. O erro: tentar enfileirar as árvores para diminuir o custo de produção, a exemplo da Ásia. Foi o suficiente para permitir que o pulgão (praga) atacasse tranquilamente a plantação matando as árvores. Se elas ficassem dispersas na floresta, como ocorre naturalmente, o pulgão não teria o mesmo poder destrutivo.

Após mais uma tentativa fracassada — agora mais próximo de Santarém — Ford vendeu suas terras ao governo brasileiro, em 45. O mato cresceu, as máquinas enferrujaram e lembrar de Ford hoje, além da devastação, é encontrar o fio para o início da febre desenvolvimentista brasileira na região.

Espaços vazios

O comércio na Amazônia era dominado pelos estrangeiros, os quais ficavam com a maior parte dos lucros, quando entrou em cena Getúlio Vargas liderando uma reação nacionalista. Ao assumir o governo, Vargas decidiu que a única forma de se proteger deles era ocupar "aquele imenso vazio" atrairdo camponeses para lá. Era a "Marcha para Oeste" que acabou abandonada com a II Guerra e a série de distúrbios políticos que se seguiu, culminando com o suicídio de Getúlio Vargas em 54.

O presidente seguinte, Juscelino Kubitschek, que prometia "50 anos de desenvolvimento em cinco de mandato", investiu na indústria automobilística, usinas hidrelétricas e siderúrgicas. Voltou a abrir as portas para os estrangeiros.

Para criar Brasília, no centro do País, aproximou a Amazônia e o Sul brasileiro alimentando o projeto com a ligação Belém-Brasília — uma estrada de 2.100 quilômetros ao longo da qual dois milhões de pessoas se fixaram e mais da metade atravessou a floresta tropical.

Após Juscelino entrou Jânio Quadros, que renunciou em seguida e foi substituído por João Goulart. Sobreveio o golpe militar apoiado pelos Estados Unidos. Neste meio tempo a Amazônia voltou a ser esquecida.

Segurança Nacional

Através de Roberto Campos, ministro do Planejamento do governo Castelo Branco, os olhos novamente voltaram-se para a Amazônia, desta vez considerada área de segurança nacional (por fazer fronteira com oito países latino-americanos). Por outro lado, percebendo também que a região era rica em minerais, investiu na extração de manganes — no Amapá através de uma joint-venture entre Augusto de Azevedo Antunes, empresário carioca, e a Bethlehem Steel Corporation. E, à medida em que foi descobrindo seu potencial mineral abriu as portas às empresas estrangeiras desenvolvendo, paralelamente projetos de agricultura e criação de gado.

A Sudam — Superintendência para o Desenvolvimento da Amazônia — ganhou

A Amazônia em chamas



Série especial (4)

Hoje, na quarta reportagem da série, a história da luta para domar a floresta.



Além de destruir a mata, os incêndios acabam poluindo os rios e cidades próximas.

Todas as perdas da floresta incendiada

Para seringueiros, castanheiros, índios e ribeirinhos da Amazônia, ecologia é sobrevivência. Coletores de cerca de 23 produtos conhecidos da floresta — desde a castanha e a borracha até a batata e o guaraná — eles vêem na queimada a perda de sua matéria-prima. E como resultado, acabam saindo de suas terras e se amontoando na periferia das cidades que, por sua vez, não têm infra-estrutura para recebê-los. A partir daí, é possível observar que um simples acender de fósforo em uma floresta como a Amazônica desencadeia uma série de conflitos regionais e problemas sociais.

Os números resultantes das queimadas do ano passado — 20 milhões de hectares — só na Amazônia, são claros. Foram para o ar 620 milhões de toneladas de gases e material particulado, 500 milhões de toneladas de gás carbônico. Formou-se uma nuvem de fumaça de 1.500.000 quilômetros quadrados (ou 18% do território brasileiro). E estima-se que, só em madeira, foram perdidos cerca de US\$ 50 bilhões. Como se não fosse suficiente, a fumaça que já se forma nos céus do sul da Amazônia, hoje, indica que a cena se repetirá este ano.

Como resultado os cientistas já avisam: há veneno no ar da Amazônia. Uma equipe formada por 160 cientistas brasileiros e americanos coordenados pela National Aeronautics and Space Administration (Nasa) e Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais vem estudando a atmosfera da região. E em sua primeira troca de informações detectaram altas concentrações de monóxido de carbono, vapor d'água, metano, ozônio e óxidos de nitrogênio — os gases que provocam o tão temido efeito-estufa, que pode aumentar a temperatura da Terra e derreter as calotas polares.

— Mas as pessoas estão se esquecendo de computar outro efeito destas queimadas. Se a manutenção das florestas tropicais é a base da sobrevivência do meio ambiente por um lado, por outro é base para a sobrevivência social, alerta Mary Allegretti, presidente do Instituto de Estudos Amazônicos.

A explicação de Mary é ilustrada por um único produto utilizado na floresta pela população local da Amazônia: a castanha. Esta árvore, protegida por lei, não pode ser derrubada. Ilusoriamente, isso faz crer que quem precisa dela está garantido. "Mas não é nada disso. Mesmo que a queimada evite a castanheira, esta árvore, isolada, morrerá", conclui ela.

— As castanheiras, e todos os produtos naturais, vivem dentro de ecossistemas e dependem deles para sobreviver. No caso específico desta árvore ela precisa do inseto (abelha) que irá polinizá-la. Por sua vez o inseto precisa de seu habitat — a floresta — para nascer, crescer, alimentar-se e cuidar da polinização. Sem floresta não tem bicho. Sem bicho não tem polinização. E aí não tem castanheira e nem matéria-prima para o trabalhador que vive disso há centenas de anos.

Cabe aí lembrar que os Estados Unidos importam cerca de 16 milhões de dólares de castanhas do Pará, colhidas por índios e lavradores nestas árvores espalhadas pela floresta. E que os seringueiros — extrato-

res de borracha — constituem, só no Acre, a metade de sua força rural de trabalho, gerando 33% do valor da produção não urbana, criando empregos para 38 mil pessoas e sustentando 100 mil moradores da floresta.

Fuga

— A perda desta matéria-prima devido ao fogo, muitas vezes intencional justamente para afastar os trabalhadores, acaba provocando uma retirada para outras regiões. Aí vem outro problema: a superpopulação em áreas não estruturadas — prossegue Mary. Só para ilustrar sua informação: atualmente vivem nos seringais da Bolívia cerca de 50 mil seringueiros brasileiros.

E isso não é tudo. Os pontos de queimadas detectados pelos satélites do Inpe atingem também aldeias indígenas — Nhambiquaras, Trumai, Xingu, Cinta Larga, entre outras — o que além de deixá-los assustados, dificulta sua capacidade de trabalho. — começa a dor de cabeça, olho ardendo, bronquite. "E eles ficam pensando que é malária, tuberculose, estas doenças que deixam todo mundo em pânico", conta Ailton Krenaki, da União das Nações Indígenas, explicando que só neste mês, pelo menos 45% da população da aldeia Surui já passou pelo posto médico da Funai, em Rondônia. E Kube-I Kayapó, desta mesma aldeia, relata: "O fogo das fazendas vizinhas à nossa aldeia ultrapassa os limites da nossa reserva, e a fumaça que forma acaba provocando chuva antes da hora. Por isso nós perdemos a roça antes que dê comida, e até os peixes, porque o rio enche antes da hora e eles vão embora".

Cristina R. Durán

força e começou a distribuir incentivos fiscais e autorizar créditos para investir na agricultura e indústria de montagem para exportação. Sempre com a participação de firmas estrangeiras, a idéia era ocupar o Pará e o Leste da Amazônia e fomentar pólos de desenvolvimento espalhados pela bacia. Haveria também o incentivo a pequenas colônias com o melhoramento da Belém-Brasília e da ligação Cuiabá-Porto Velho, em Rondônia. A população do estado passou de 37 mil habitantes nos anos 50, para 100 mil habitantes em 66. A Volkswagen e King Ranch criaram extensas fazendas de gado ao longo da Belém-Brasília, ao Sul do Pará.

Emílio Garrastazu Médici, presidente do Brasil no início dos anos 70, assustou-se com a miséria do povo nordestino. Decidiu que dali em diante a Amazônia seria para os pobres. "Terra sem homens para homens sem terra", era o discurso, de onde surgiu a fatídica rodovia Transamazônica.

Médici investiu na construção de uma estrada ligando o Leste ao Oeste, até a fronteira com a Colômbia. Em Brasília, burocratas sem noção do que era a Amazônia começaram a criar "agrovilas", "agropólos" ou "rupopólos" e milhares de nordestinos dirigiram-se para lá, deparando-se com malária, terras inférteis, nenhuma assistência técnica e más condições de transporte. O plano não deu certo e Brasília desistiu-se pelo projeto de colonização.

Foi na metade dessa década que entrou em cena a presença estrangeira mais dramática na Amazônia: Daniel Ludwig e seu Projeto Jari — um plano desenvolvimentista às margens do rio Jari. Por US\$ 3 milhões comprou grande extensão de terras ali e investiu US\$ 300 milhões num complexo que incluía mineração, plantação de arroz e exploração dos recursos madeiros. Em 75 "importou" do Japão uma fábrica de celulose rebocada através do Pacífico pelo canal do Panamá até a Amazônia — "um símbolo dramático do projeto industrial mais audacioso já tentado em qualquer parte da Amazônia".

Milagre

O esquema Ludwig perdeu brilho quando a economia foi golpeada pela alta do petróleo e o então ministro da Fazenda, Delfim Netto (governo Geisel) convenceu a todos que o Brasil seria uma grande potência: se ao Brasil faltava petróleo, os carros podiam ser movidos a álcool e usar seu grande potencial hidrelétrico para alimentar o desenvolvimento industrial. Investiu-se nas plantações de soja, exportação de frango congelado, Angra I.

E a identificação para a Amazônia nada mais tinha a ver com colonização ou criação de gado. Perseguiu-se o sonho de Roberto Campos: investir na mineração e exploração dos recursos minerais. Em paralelo, entretanto, a superpopulação no Sul do País exigia que o governo abrisse portas para a pequena colonização da região. Aquela altura brevar o processo de ocupação de Rondônia seria praticamente impossível.

Assim, João Figueiredo, o presidente seguinte, decidiu ignorar os erros cometidos em 70 e manteve a mentalidade de "ocupação" a todo custo. Criou o Polonoeste — um programa intensivo de colonização a um custo de US\$ 1,5 bilhão e a pavimentação da rodovia 364 (a Cuiabá-Porto Velho) com a criação de estradas secundárias ligando a população ao interior da floresta. Estava tudo pronto para que Rondônia recebesse 12 mil famílias (cerca de 60 mil pessoas).

Na verdade, é um projeto que acabou obscurecido, quando surgiu a idéia do Grande Carajás — um projeto que abria oportunidade para 1,5 milhão de empregos e produção de 50 milhões de toneladas de minérios.

A partir daí começou a ser repetida a pergunta: Desenvolvimento para quem? Quando os recursos se esgotarem os empresários abandonarão a Amazônia totalmente retalhada e "depois da festa, a Amazônia estará à beira de outro período de recessão e decadência tão sério ou pior do que aquele que sucedeu o ciclo da borracha".

Praga humana

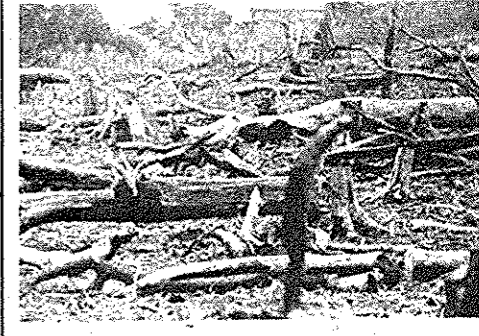
"Depois de 30 anos de cortes para minério, plantio e construção de cidades entre 1950 e 80, durante os quais se causou mais danos do que durante o período colonial e as primeiras décadas do século XX, a Mata Atlântica brasileira ficou reduzida a 2% de seu tamanho original. Pelos cálculos do pesquisador Philip Fearnside, do Inpa (Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia), em metade deste tempo Rondônia estará espoliada. De um modo geral, os gafanhotos humanos terão levado 50 anos para destruir o que constitui metade das florestas do mundo e que a natureza levou milhares de anos para fazer."

"Tal acontecimento seria uma grande tragédia para o homem e todo o Planeta, dada sua irreversibilidade em milhões de anos e, segundo E.O. Wilson, sociobiólogo de Harvard, significaria uma calamidade pior do que a exaustão de recursos energéticos, o colapso econômico, a guerra nuclear ou a conquista por um governo totalitário. Wilson e outros cientistas concluíram que as florestas tropicais são lugares sagrados."

"Eles perguntam e eu também: em termos morais ou éticos como pode o homem justificar a destruição premeditada de nossa maior categoria, um trabalho monumental cuja construção, através de milhões de diferentes formas de vida, exigiu milhões de anos e cuidadosos esforços?"

Estamos entrando na década de 90, os projetos desenvolvimentistas continuam pipocando entre os ministérios de Brasília, a Amazônia está em chamas, os rios poluídos por mercúrio e pela região continua correndo sangue. Mas em reação à pergunta acima, ambientalistas brasileiros e estrangeiros, índios e seringueiros, unem-se para evitar que o pulmão verde sucumba."

A partir do final do governo Figueiredo, dizem, o Brasil entrou na democracia. Se assim for, o governo deve respeitar os apelos da comunidade, baseados na pesquisa científica, e abandonar, de fato, o discurso que, em 72, durante a Conferência sobre Meio Ambiente em Estocolmo assustou todos os países: "Mandem-nos a poluição, precisamos de empregos". Por que não podemos ter política não-desenvolvimentista?, pergunta o botânico João Murça Pires.



No rastro das queimadas, uma imensidão de madeiros que poderiam ser aproveitados.